

PREJUÍZOS BILIONÁRIOS

BRASIL SOMA R\$ 139,7 BI EM PERDAS CAUSADAS PELAS CHUVAS DESDE 2015



Submersos. Em 2022, canal transformado em Petrópolis e transformou cidade em um rio, inundando arrastou carros e provocou queda de barreiras.



Destruição. Ruas do bairro Marinho Velho, em Caracaras (RJ), uma das mais prejudicadas pelas tempestades que arrasaram o estado.

Enchente. Imagem aérea de Olinda, região de Recife, a água pelo tempo de dois anos atrás. Área também sofreu com deslizamentos.



BRUNO ALFARO E RAFAELA GAMA
bruno.alfaro@globo.com

A loja de roupas masculinas de Michael Breitenbach, de 31 anos, estava cheia de mercadorias. Ele e o sócio fazem aniversário no mesmo dia, 5 de maio, e todo ano promovem um grande evento para impulsionar as vendas. Neste 2024 a chuva chegou quatro dias antes. A água subiu 2,5 metros dentro do comércio em Arroio do Meio, no Rio Grande do Sul, e o que escapou da enchente ainda foi levado por saqueadores. O prejuízo do pequeno empresário foi de R\$ 550 mil.

Desde 2015, chuvas fortes e deslizamentos de terra já causaram ao país perdas de R\$ 139,7 bilhões, segundo dados do Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (SIZID). Nessa fatia, estão danos em habitações e instalações públicas, como escolas e hospitais; diferentes tipos de prejuízos públicos, como nos sistemas de transportes e na assistência médica emergencial; e prejuízos privados nos setores de agricultura, pecuária, indústria, comércio e serviço.

—Lavamos as peças que deixaram e vamos fazer uma promoção para conseguir algum capital de giro pelo menos. Mas só poderemos abrir depois de colocar outra porta — conta Michael.

O SIZID é a rede pela qual estados e municípios comunicam à Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, do Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, ocorrências que vão de epidemias à queda de barreiras desde 2013; os cálculos com as perdas, no entanto, passaram a ser registrados apenas dois anos depois. É a partir das informações contidas na plataforma que a União decide ativar pedidos de emergência ou calamidade e repassa recursos às regiões afetadas. A par-

CATÁSTROFES EM NÚMEROS



Os casos mais graves desde então foram em RJ, RS, PE e ES

MAIS DA METADE DESSE VALOR: R\$ 74,6 bilhões é relativo a janeiro de 2022 até este mês. Nesse período, foram 986 mortes, uma média de 1,6 por dia

UMA VÍTIMA POR DIA

Outro aspecto apontado por Fontão é um número cada vez maior de pessoas vivendo em áreas de risco. Segundo o Plano Nacional de Defesa Civil, publicado neste ano, 1.942 municípios têm parte da população em regiões suscetíveis a deslizamentos, enxurradas e enchentes. A quantidade é 136% maior do que a identificada em um levantamento de 2012. São 8,9 milhões de pessoas em locais de maior vulnerabilidade.

Os dados do SIZID mostram também que o volume de estragos decorrentes de chuvas se intensificou nos últimos anos. Mais da metade dos R\$ 139,7 bilhões de prejuízos financeiros (R\$ 74,6 bilhões) foi registrada a partir de janeiro de 2022.

Além disso, o Brasil registrou nesse período mais de uma morte por dia por chuvas e deslizamentos. Não só em grandes tragédias, mas

tir desses dados, O GLOBO levantou os números registrados nas categorias chuvas intensas, alagamentos, inundações, enxurradas e movimento de massa.

Nesses quase dez anos, foram danificadas ou destruídas no Brasil 1,9 milhões de casas; 14,3 mil escolas; e 6,5 mil unidades de saúde. Na esfera pública, os maiores prejuízos estão na área de transporte, de R\$ 17 bilhões. Já na iniciativa privada, o setor mais afetado é a agricultura, com danos de R\$ 39,3 bilhões.

Pedro Fontão, coordenador do Laboratório de Climatologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), explica que as mudanças climáticas estão tornando esses eventos mais recorrentes e intensos, como a tragédia do Rio Grande do Sul que, ele reforça, é sem precedentes. Por conta dela, 2024 já é o ano com o maior número de desabrigados e desalojados desde 2013, início da série histórica. Além disso, o sistema de dados indica prejuízos de R\$ 9 bilhões no estado.

UMA VÍTIMA POR DIA

Outro aspecto apontado por Fontão é um número cada vez maior de pessoas vivendo em áreas de risco. Segundo o Plano Nacional de Defesa Civil, publicado neste ano, 1.942 municípios têm parte da população em regiões suscetíveis a deslizamentos, enxurradas e enchentes. A quantidade é 136% maior do que a identificada em um levantamento de 2012. São 8,9 milhões de pessoas em locais de maior vulnerabilidade.

Os dados do SIZID mostram também que o volume de estragos decorrentes de chuvas se intensificou nos últimos anos. Mais da metade dos R\$ 139,7 bilhões de prejuízos financeiros (R\$ 74,6 bilhões) foi registrada a partir de janeiro de 2022.

Além disso, o Brasil registrou nesse período mais de uma morte por dia por chuvas e deslizamentos. Não só em grandes tragédias, mas

também em episódios pontuais que vão destruindo famílias no país.

Em março de 2023, Edvaldo Oliveira circulava pelo bairro Jorge Teixeira, um dos mais populosos de Manaus, por volta das 20h, quando precisou parar o carro para checar o nível de água no carburador. Ao deixar o veículo, percebeu o chão tremer e ouviu um estrondo. Em pouco tempo, só enxergava móveis de poeira; depois, "uma escuridão tremenda".

—Não saem da minha cabeça gritos de socorro e imagens das pessoas retiradas sem vida da lama — lembra ele.

Geovane Souza, morador do bairro manauara, foi ajudar no resgate e lembra dos gritos de uma mãe pedindo ajuda embaixo da terra com a filha de 7 anos. Ele e os vizinhos cavaram o solo com as mãos e panelas, até que perceberam que era tarde demais. Naquela noite, oito pessoas morreram.

No Rio de Janeiro, em fevereiro último, uma criança de 1 ano e 8 meses morreu soterrada após o deslizamento de um barranco no bairro Vila Carmelita, em Iperê. A irmã gêmea dele conseguiu ser resgatada. José Carlos Amorim de Oliveira, avô do bebê, encontrou o corpo de neto.

—Meu pai teve que cavar à unha para achar o Calebe, mas ele já tinha inalado muito barro e gás — conta Willayne Clay, tia do menino.

Desde 2022 o mundo vive sob o efeito do El Niño, que modifica a temperatura terrestre de forma que tenha mais chuva Sul do Brasil e mais seca no Norte. O fenômeno, no entanto, está para acabar, diz Fontão.

—A agência atmosférica da Nasa deve oficializar o fim do El Niño neste mês.

Após o fim do El Niño, é comum haver um período de neutralidade climática que pode chegar até cinco anos. No entanto, a chance da formação do La Niña em agosto é de 70% e em setembro passa de 75%. Esse é um fenômeno de sinal trocado: o risco passa a ser de secas fortes no Sul e enxurradas no Norte.

Fonte: SIZID, organizado pelo Arq. de Desastres do Brasil e por O GLOBO. Valores atualizados pelo IPCA. *Cálculos baseados em diferentes métodos estatísticos (como Atividade, 100 por mil pessoas afetadas e perdidas).